

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: 13

Data: 14.01.79

Pg.: _____

Cacique Figueiredo, agora muito popular

SERGIO COELHO

De postura tímida e sempre esboçando um sorriso na sua boca sem dentes, o cacique Figueiredo era apenas um chefe indígena dos muitos que freqüentam a rodovia Cuiabá-Porto Velho, vendendo aos viajantes produtos de suas tribos — colares, arcos, flexas, bolas fabricadas de látex por eles mesmos, animais silvestres domesticados e plantas medicinais, como a vergatesa, que oferecem como afrodisíaca. Com a escolha do novo presidente da República, o chefe dos índios parecis do aldeamento do Boi Morto, perto de Areia Branca, no município matogrossense de Diamantino, tornou-se uma figura popular, alvo de fotografias e perguntas. Tudo por causa do seu nome — João Baptista Figueiredo — o mesmo do novo presidente da República.

Muito alegre e sorridente, ele não esconde o seu sentimento de orgulho em ter o mesmo nome do chefe da Nação, mas faz questão de dizer: "Eu sou João Batista Figueiredo há 40 anos, não foi por causa do presidente eleito. E três anos antes dele ser escolhido, eu já havia sido eleito chefe do meu povo, para substituir o meu irmão, muito velho e cansado". A conversa do cacique atrai mais gente e ele aproveita para vender os seus colares, as bolas feitas de leite de mangaba, enquanto responde às perguntas dos curiosos. "Não. Não tenho cavalo, ando sempre a pé", é uma das explicações que dá entre risos.

A existência do cacique e do presidente João Baptista Figueiredo é uma coincidência que, por sua vez, coincide com um velho costume dos índios parecis da aldeia de Boi Morto, de dar às crianças o nome de um presidente da República, revela o cacique. "Lá nós temos outros presidentes", diz brincando.

O filho do cacique Figueiredo chama-se Juscelino Kubitschek. E ao lembrar-se do jovem filho, ele fica triste e preocupado. O índio JK, há questão de alguns meses, quando pescava junto a um rio da reserva, foi picado por uma cobra surucucu. "Um bicho terrível que faz apodrecer o lugar onde põe a boca", conta o índio. "E foi o que aconteceu com o meu filho, o seu



pé foi apodrecendo até que caiu". Agora Juscelino Kubitschek está para ser internado num hospital de Brasília, a fim de amputar o que restou do pé doente e colocar um aparelho mecânico.

Mas Juscelino não é o único presidente homenageado na aldeia do Boi Morto. Existem ainda outros, conforme vai lembrando o cacique Figueiredo: Getúlio Vargas, Jânio Quadros e Castello Branco que as vezes são vistos ali na parada de Areia Branca vendendo as suas bugigangas.

Um morador que acompanha as explicações do chefe-índio, completa as informações, observando que na região existe também um rio chamado Roosevelt, dentro da reserva indígena, e mais adiante, já no Território de Rondônia, surge um povoado chamado Presidente Médici.



Fotos Sergio Coelho

O TERRITÓRIO DE FIGUEIREDO

A abertura da rodovia Cuiabá-Porto Velho aproximou da civilização o Parque Nacional do Aripuanã, uma reserva indígena formada de terras do território de Rondônia e do Estado do Mato Grosso do Norte, onde vivem os cintas-largas, suris e parecis, muitos já com suas ocas construídas à margem da estrada. Ai podem ser conhecidos ainda outros grupos, como os caritainas, os amamandês e os nhambiquaras, que perambulam seminus pelas cercanias da rodovia.

Distribuídos por inúmeras aldeias, eles dividem a sua subsistência entre as atividades primitivas, a caça, a pesca, a captura e a domesticação de animais silvestres e a cultura de produtos agrícolas — mandioca, milho e feijão — que aprenderam com o lavrador branco.

A venda dos seus produtos é realizada nos postos de gasolina, à frente dos restaurantes e das vendas, onde se reúnem em grupos, expondo no chão os objetos do seu trabalho. E num desses postos, no lugarejo de Aldeia Branca, que o cacique João Batista Figueiredo é encontrado vendendo arcos, flexas e colares ou mesmo um filhote de arara, tucano ou siriema já domesticado, capturado nas suas terras.

"O meu território é muito grande" — diz ele estendendo os braços para as matas e cerrados que se formam na margem direita da rodovia Cuiabá-Porto Velho. "Do lado de lá da rodovia o homem branco não pode entrar. É o nosso território, tem mais de 200 quilômetros de frente para a estrada e não sei quanto de fundo", vai explicando o cacique, mostrando alguma dificuldade de expressão, com seu sotaque que muito se assemelha ao imigrante japonês. Ele não fala de problemas, diz mesmo que não os tem, "temos muitas terras para viver" e a integração com a civilização dos brancos já é uma realidade. Muitos já usam a bicicleta como meio de transporte, andam de ônibus ou pedem carona nas estradas. E como comerciantes, parecem ter algumas décadas de experiência: cantam as qualidades dos seus produtos e reagem bem às insistências da pechincha.